

O CORPO COMO CONDUTOR DO HOMEM NA OBRA O PEDAGOGO DE CLEMENTE DE ALEXANDRIA

THE BODY AS THE CONDUCTOR OF MAN IN CLEMENTE OF ALEXANDRIA'S *THE PEDAGOGUE*

Matheus Roberto Breda Teixeira⁽¹⁾; Meire Lôde-Nunes⁽²⁾

(¹)Universidade Estadual de Maringá (Brasil); (²) Universidade Estadual do Paraná – Unespar (Brasil)

E-mail: mrbreda.teixeira@gmail.com⁽¹⁾; meire.lode@unespar.edu.br⁽²⁾

ID. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7903-7601> ⁽¹⁾;

<https://orcid.org/0000-0002-0536-8117> ⁽²⁾

Recebido: 14/03/2023

Aceite: 02/05/2023

Publicado: 27/06/2023

RESUMO

O objetivo deste trabalho é compreender a representação do corpo como condutor das ações do homem na obra *O Pedagogo*, produzida por Clemente de Alexandria. Nessa obra, o autor tece reflexões sobre o cristianismo utilizando-se dos elementos da cultura clássica. Clemente escreve para as crianças e esse período marca o conhecimento do *Didascaleu*. Para a realização deste estudo utilizaremos a história social, sob perspectiva da longa duração. Nesse sentido, começamos por descrever o cenário de Alexandria na época em que Clemente viveu e conviveu, para posteriormente considerá-lo em seu tempo e compreender suas contribuições para a história do corpo. Ademais, pudemos observar as transformações sociais que o Oriente estava passando naquele momento e também, que o corpo na história antiga é atuante na construção do imaginário conduzindo os homens. Ademais, leituras de outros tempos históricos podem nos auxiliar com exemplos para ampliar nossa visão sobre o momento em que estamos inseridos e dos problemas que vivenciamos.

Palavras-chave:

Alexandria; corpo; história do corpo; história da educação

Teixeira, Matheus Roberto Breda; Lôde-Nunes, Meire (2023). O corpo como condutor do homem na obra O Pedagogo de Clemente de Alexandria. DEDICA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 21, 2023, 121-136. ISSN: 2182-018X. DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.21.2023.27613>

ABSTRACT

The objective of this paper is to understand the representation of the body as a conductor of human actions in Clement of Alexandria's work *The Pedagogue*. In this work, the author weaves reflections on Christianity using elements from classical culture. Clement writes for children and this period marks the knowledge of the *Didaschaleus*. To carry out this study, we will use social history from the long duration perspective. In this sense, we started by describing the Alexandrian setting at the time Clement lived and lived together, to later consider him in his time and understand his contributions to the history of the body. Furthermore, we were able to observe the social transformations that the East was going through at that time, and that the body in ancient history is active in the construction of the imaginary leading men. Furthermore, readings from other historical times can help us with examples to broaden our view of the moment in which we are inserted and of the problems we live with.

Keywords:

Alexandria; body; history of the body; history of education

Introdução

O objetivo deste trabalho é compreender a representação do corpo como condutor das ações do homem presente na obra *O Pedagogo*, escrita por Clemente de Alexandria (150-215?) provavelmente no início do século III d.C. De maneira geral, nesta obra o autor apresenta algumas reflexões para novos adeptos do cristianismo, e também busca promover orientações que realçam a conversão dos costumes, proferindo assim as diretivas do 'pedagogo' para a formação do homem de moral inabalável em sua época. Em certo sentido, Clemente de Alexandria direciona seus escritos, sobretudo para as crianças, visto que a pedagogia tem como uma de suas finalidades a preocupação com a educação dos mais novos¹, no entanto isso não impede de analisarmos quão importante o corpo se faz presente nesse processo de conduzir o homem à perfeição moral. Ademais, esse período marca o conhecimento da primeira escola catequética dos cristãos, o *Didascaleu*, e a maneira como seu desenvolvimento contribuiu para ascensão do cristianismo por meio do estudo, sobretudo, da filosofia grega, juntamente com a interpretação das sagradas escrituras.

Para a análise da obra *O Pedagogo*, que grosso modo também permite abordagens nas quais a considerem como um tratado de educação, utilizaremos os preceitos apresentados no prefácio da obra *A Cidade Antiga* (2006), do historiador francês Fustel de Coulanges (1830 - 1889) que no século XIX relata: “A ideia que se tem da Grécia e de Roma muitas vezes perturbou várias de nossas gerações. Observando mal as instituições da Cidade Antiga, quiseram fazer revivê-las entre nós.” (2006, p.10). Desse modo, é importante observar que o autor nos recorda de dificuldades presentes no estudo da história. De fato, estudar o passado, consiste em uma tarefa complexa, considerando que os olhares do homem do presente em hipótese alguma podem ser levados ao universo antigo, eles trazem consigo preconceitos e vícios do mundo atual que impossibilita compreender o passado por ele mesmo. Com efeito, essa característica deve ser considerada por todos os historiadores dos campos do conhecimento, sobretudo por nós enquanto historiadores da educação. Por isso foi muito bem colocado por Paul Veyne (2009) que na introdução a obra de Georges Duby, *História da Privada Vida Privada*, menciona que “[...] A história, essa viagem ao outro, deve servir para nos fazer sair de nós, tão legitimamente quanto nos confortar em nossos limites.” (Veyne, 2009, p.12).

Dessa forma, nosso estudo também se concentra nos caminhos tecidos pelos historiadores franceses do século XXI, Jacques Le Goff e Nicolas Truong (2006) que em *Uma História do Corpo na Idade Média* nos permite compreender algumas qualidades do corpo enquanto objeto de estudo. Em certo sentido, os autores revelam que o corpo não comporta somente uma abordagem biológica, ele não é simples ‘receptor’ por parte da história, ao contrário, ele é capaz de produzi-la, e assim se relacionar com as estruturas econômicas e sociais, além de participar das representações mentais em determinadas sociedades:

“Na disciplina histórica reinou por muito tempo a idéia de que o corpo pertencia à natureza, e não à cultura. Ora, o corpo tem uma história. Faz parte dela. E até a constitui, assim como as estruturas econômicas e sociais ou as representações mentais, das quais ele é, de certa maneira, o produto e o agente” (Le Goff & Truong, 2006, p. 9).

Nesse sentido é que podemos destacar aquilo que Corbin et al (2008) no prefácio do volume I da *História do Corpo* observam, ao mencionarem que “[...] O corpo pode conduzir sua consciência em vez de ser seu objeto.” (Corbin et al., 2008). Essa é uma característica importantíssima na produção de uma história do corpo. Aliás, atrelado a isso, nota-se ainda que seja incumbida ao historiador a tarefa de dedicar-se ao estudo do tempo, especialmente, de analisar o tempo na qual os autores e as obras pesquisadas estavam inseridos. A história é inconcebível distante de tais circunstâncias, e nesse sentido Marc Bloch (2001, p. 60) advertiu: “nunca se explica plenamente um fenômeno histórico fora do estudo do seu momento. Isso é verdade para todas as etapas da evolução. Tanto daquela em que vivemos como das outras.” Talvez somente assim seja possível compreender os fatos do passado com exatidão, se nos empenharmos na compreensão dos motivos para tais fatos terem acontecido. Por isso, utilizaremos a história social sob a perspectiva de longa duração, visto que assim poderemos retroceder alguns séculos a fim de ampliar nossa compreensão a respeito de Clemente de Alexandria em seu tempo. Dessa maneira, a história estará a serviço da humanidade e poderá nos trazer exemplos para entendermos o momento atual. Por acreditar na possibilidade de a história contribuir para o desenvolvimento da humanidade é que consideramos relevante abordar o estudo desta obra.

Assim, o presente estudo está dividido em duas seções. A primeira busca compreender questões gerais acerca de Alexandria no período em que Clemente estava inserido com a finalidade de entendê-lo em seu tempo. Por último, a segunda seção nos dará subsídios para entender a representação do corpo como condutor das ações do homem presente na obra *O Pedagogo*, mais especificamente no Livro I. É válido ressaltar que o alexandrino não escreve essencialmente sobre o corpo, porém, por meio da interpretação de seus textos é possível empreender este estudo.

Desenvolvimento

Alexandria e Clemente: Um Local Propício Para a Ciência Sagrada

A cidade de Alexandria, localizada atualmente na região do Egito, existia muito antes de Clemente a ter habitado. Acredita-se que sua fundação tenha se dado no século III a.C. com Alexandre, O Grande, sucedendo os trabalhos de seu pai, Felipe da Macedônia. O arqueólogo e historiador brasileiro Pedro Funari (2002), referindo-se ao imenso império de civilizações conquistadas pelos macedônios, recorda que “[...] Alexandre, entre 336 e 323 a.C., além de conquistar esse império, fundou muitas cidades que tiveram seu nome, como é o caso da famosa Alexandria do Egito.” (Funari, 2002, p. 74). Essa era uma prática comum do império da Macedônia, mas o adjetivo curioso apresentado pelo autor, a fama, não é utilizado por acaso e a esse respeito muito se deve à geografia e aos homens daquela época. De certa maneira, a cidade é fruto, sobretudo, das ambições políticas de Alexandre que “[...] A fim de fechar o cerco do Mediterrâneo oriental e proporcionar aos egípcios um núcleo comercial próximo ao mar, o imperador fundou uma cidade entre o lago Mareótida e o litoral” (Faria, 1978, pp. 66-67). Logo, não demorou muito para que essa cidade portuária movimentasse a vida dos homens, impulsionando o comércio, a exportação e, portanto, a economia, além de intensificar as relações sociais no Mediterrâneo antigo.

Certamente, desde sua fundação até o século III d.C., vários acontecimentos se passaram e muitas mudanças ocorreram. É válido ressaltar que não há espaço suficiente e nem será nossa intenção discutir a esse respeito, contudo nos conformamos em citar, talvez o que seja a principal atração desse período. Nos referimos ao domínio de Roma sobre Alexandria, aliás a posse do Império Romano foi realizada formalmente por Octávio Augusto no fim do I a.C. e “[...] representou o fim da era ptolomaica na região e formalizou seu papel como liderança única do Império.” (Clímaco, 2007, p. 30). Inegavelmente, a cidade egípcia, desde antes da chegada dos romanos, era reconhecida pelo desenvolvimento e promoção da ciência. O historiador americano Edward McNall Burns (1974) considera que ocorreu em Alexandria uma espécie de primeira grande era da ciência. De acordo com o autor, “[...] O

próprio Alexandre havia contribuído monetariamente para o progresso da pesquisa. Mais importante foi o estímulo trazido à perquirição intelectual pela fusão da ciência dos caldeus e dos egípcios com os estudos dos gregos” (Burns, 1974, p. 256). Nessa perspectiva, em primeiro momento observa-se que havia preocupações com o desenvolvimento do bem pensar em Alexandria, as especulações são diversas a esse respeito. Em seguida, nota-se que o movimento dos homens na cidade egípcia incentiva o investimento econômico no local. O empenho era grande para a promoção de cultura, um investimento financeiro não só estimula como também auxilia na estrutura do local e contribui para a estabilização do homem em um ambiente seguro e propício para o desenvolvimento de suas reflexões.

Em virtude de tais aspectos, a real preocupação a esse respeito, fez de Alexandria uma atração especialmente científica. Grosso modo, alguns monumentos arquitetônicos dimensionam e também consolidam a grandeza dessa cidade enquanto centro cultural e científico, como por exemplo, a biblioteca e o museu, além disso, a cidade antiga ainda era constituída pela presença de jardins botânicos, zoológicos e também escolas. O filólogo e historiador português José Ribeiro Ferreira (2004) nos informa de que “[...] cada um dos sucessivos reis quis engrandecê-la, pelo que os monumentos e os edifícios públicos se multiplicaram a ponto de chegarem a ocupar cerca de um terço da sua área” (Ferreira, 2004, p. 183). Tal característica apresentada pelo autor é relevante. A cidade egípcia era um marco especial para qualquer reinado, havia muito respeito e estima pelo local, era preciso cuidar e cultivar o ambiente de produção cultural. Por certo, mesmo no período do Império Romano e ainda nos tempos de Clemente, Alexandria era respeitada por sua grandeza e esplendor intelectual, investimentos em prol da ciência ainda eram realizados, entretanto seu apogeu já havia passado.

Ainda assim, esses estímulos realizados contribuíram para tornar a cidade portuária imensa. É importante ressaltar que em Alexandria havia dois portos, um localizado a ocidente, conhecido como porto Bom Regresso, e outro a oriente, conhecido como porto Grande. Em certo sentido, o fluxo de pessoas naquele momento da história era numeroso. Por lá figuravam viajantes, estrangeiros,

estudiosos, nativos, indígenas, comerciantes e também trabalhadores locais, que influenciavam o ambiente. Grosso modo, seria inevitável não conceber a ideia de que atrelado ao fluxo constante de pessoas, também havia em circulação uma corrente de ideias. Esta condição era quase natural, visto que os homens se relacionam socialmente, comunicam, expressam suas formas de ser e convivem, e por vezes essa convivência acaba por repassar costumes uns aos outros.

Nos tempos de Clemente, séculos depois após a fundação de Alexandria, o fluxo de pessoas naquele momento da história ainda era constante, porém encontrava-se em declínio. Mesmo assim, podemos observar que em Alexandria, durante o III d.C., a capacidade de convivência entre diversos povos diferentes permanecia uma característica comum presente na civilização. Posto isso, é importante ressaltar que a cidade egípcia, como dito anteriormente, ainda estava empenhada com o desenvolvimento da ciência, investimentos ainda eram realizados, mas foram consideravelmente reduzidos, Clímaco (2007, p. 52) destaca que desde o século II já era percebido a “decadência cultural” do período. No entanto, por mais que o esplendor alexandrino estivesse distante do auge, o cenário para Clemente desenvolver a “ciência sagrada” era fértil, sobretudo, por dois motivos. O primeiro diz respeito ao momento de “paz” para a produção do pedagogo, já que o último conflito significativo preocupando o imaginário dos homens ocorreu sob o reinado de Trajano (115-117), e o próximo viria ocorrer somente com Sétimo Severo². Portanto, Clemente possuía acesso à estrutura e ainda gozava de considerável tranquilidade para sua produção. No que tange a estrutura, nos referimos ao *Didascaleu*, não se sabe ao certo sobre sua origem, mas apesar da data de sua fundação ser um mistério, desde o tempo do Imperador Cômodo (180 d.C.) o mestre Panteno³ já ensinava sobre os preceitos de Cristo.

Além disso, outro motivo para o alexandrino exprimir suas reflexões cristãs provavelmente foi político: o cristianismo em Alexandria necessitava de afirmação enquanto ciência desenvolvida por meio da razão, e capaz de articular diálogos em favor da conversão e manutenção de fiéis e curiosos. Aliás, já havia outras escolas executando essa tarefa. O cristianismo, então, deveria

também seguir o mesmo caminho se quisesse permanecer vivo em Alexandria, o público alvo era exigente e o estímulo foi fundamental. Em sua obra *História da Filosofia Cristã*, os filósofos Boehner e Gilson (1991), relatam a esse respeito: “[...] Ao lado destes grandes centros havia as escolas judaicas, que cultuavam a memória de Filon, bem como as escolas gnósticas, onde ensinavam Basilides e Carpócrates. Era natural que os cristãos não quisessem ficar atrás.” (Boehner & Gilson, 1991, p. 33). Nessa perspectiva, ao estudarmos o contexto social e mental na qual Clemente estava inserido, percebemos que o cristianismo passava por um processo de transformação social especialmente ‘letrada’. Isso pode ser percebido na mudança de gerações entre seu mestre Panteno e o próprio Clemente: de um lado Panteno não deixa nada escrito, a tradição oral era mais forte em seu tempo, enquanto que por outro, Clemente se preocupa em escrever suas reflexões. Claro que a oralidade não se extinguiu por completo durante o século III d.C, Charumbo (2021) destaca que Clemente ainda “[...] Esteve em contacto com os cristãos da terceira geração, historicamente próximos dos apóstolos, mantendo sempre um grande sentido da tradição oral cristã que remonta a eles e ao período sub-apostólico”. (Charumbo, 2021, p. 75). Ademais, seria pretensioso pronunciar que a oralidade se extinguiu, ainda mais sob domínio romano, que julgava ser, a arte oratória, uma qualidade imprescindível ao homem⁴.

Contudo, com essa seção gostaríamos de destacar que a Alexandria Romana na qual Clemente estava inserido encontrava-se em declínio financeiro, cultural e social, mas mesmo assim ainda percebemos que este ambiente foi fundamental para o autor desenvolver sua obra *O Pedagogo*. Além disso, observamos a transformação social que o cristianismo enquanto “ciência sagrada” estava perpassando. Posto isso, nossa próxima seção tem por objetivo analisar a obra concentrando-se no corpo como condutor do homem no século III d.C.

Uma História do Corpo em Clemente

Clemente de Alexandria (150 - 215?), identificado em latim como *Titus Flavius Clemens*, provavelmente possuía ascendência grega, mais especificamente, ateniense. Foi muito bem colocado por

Charumbo (2021) que “[...] Os seus dois nomes latinos, *Titus Flavius*, parecem indicar que os seus pais eram de ascendência romana. O epíteto *Alexandreu*/*Alexandrinus* foi-lhe dado mais tarde.” (Charumbo, 2021, p. 74). Portanto, era grego/ateniense, com descendência romana, que viveu no Egito, em Alexandria, durante meados do século II e início do III d. C., onde desenvolveu suas reflexões e produziu suas obras. Provavelmente, Clemente possuía sua formação em estudos clássicos. É válido ressaltar que a nós chegaram três escritos completos: *A Exortação aos Gregos*, *O Pedagogo* e a *Stromata*, além de outros fragmentos textuais de obras perdidas ao longo da história. De acordo com os autores Boehner e Gilson (1970, p. 34) “[...] Estas três obras principais formam uma espécie de trilogia.”. Entretanto, nos concentramos somente na obra *O Pedagogo*, visto que ela nos dá subsídios para refletir a respeito da história do corpo.

Nesse sentido, situado na ‘terra da ciência’ sob as circunstâncias ditas na seção anterior, e empenhado na produção da ‘ciência sagrada’, Clemente de Alexandria teria escrito *O Pedagogo* provavelmente entre os anos 200/202 antes da chegada dos homens de Séptimo Severo ao Egito. O escrito contém três livros e, para o objetivo deste estudo, nos concentramos somente no primeiro. Desse modo, Clemente, se quisesse ser aceito em Alexandria, e ainda ao mesmo tempo rivalizar com as demais escolas presentes na cidade egípcia, precisaria demonstrar certo domínio/uso do ‘bem pensar’. No contexto em que Clemente estava inserido, era indispensável obter os conhecimentos da cultura clássica, sobretudo, da filosofia grega, conceitos de gramática e literatura também eram bem recebidos, além do encadeamento e exposição de ideias com clareza com base no desenvolvimento da razão. Por isso é recorrente durante sua obra o uso de figuras de linguagem⁵, descrições sobre gramática⁶, além de citar diversas personagens que contribuíram com a história do pensamento, como por exemplo, Demócrito, Menandro, Heráclito, Homero, Diógenes, Platão, Baquilides, Pseudo-Pitágoras, dentre outros. Em certo sentido, isso explica seu pavor em contrariar a “reta razão”, considerada “pecado” tremendo (p. 58). Quem sabe outrora essa fora a única maneira de Clemente e o cristianismo sobreviverem em

Alexandria naquela época, visto que, tais conceitos eram fundamentais no meio em que se encontrava.

De modo geral, no livro I, o autor apresenta suas convicções a respeito do cristianismo para os novos cristãos, trata-se de um tratado para as crianças, provavelmente recém batizadas na nova fé sagrada, e que viriam a ser a nova geração de Cristo. Entretanto, não se direcionava para qualquer criança, como relata o historiador francês Paul Veyne (2011) em sua obra *Quando o Nosso Mundo se Tornou Cristão*, na qual o autor enfatiza que “[...] Clemente destina sua obra à classe dirigente, os ricos importantes que têm necessidade de conselhos sobre o bom gosto, a modéstia, a moderação no vestir e em suas relações com seu pessoal doméstico.” (Veyne, 2011, p. 29). Ora, Alexandria era uma cidade notadamente rica e de público exigente, portanto é bem possível que não tenha havido uma pretensão universal no *Pedagogo* de Clemente, mesmo que ele expusesse vários atributos importantes aos cristãos em sua obra. No entanto, esses aspectos não nos impedem de realizar um estudo acerca da história do corpo em seu escrito, observando especialmente as sutilezas nele presente.

Em certo sentido, a primeira observação a ser percebida reside no fato de que para Clemente de Alexandria, o homem encontra-se doente⁷, mais especificamente, este era um problema de alma. Cristão ou não, o homem de carne e osso estava sujeito a ser contaminado e adoentar-se. Ora, este é um aspecto tentador, a doença da alma, observada nos tempos de Clemente, quer nos dizer algo, quer, sobretudo, nos informar de que o comportamento do corpo pode ser elemento fundamental para remediá-la. Nessa perspectiva, seria possível compreender a ideia de que o corpo pode vir a ser o condutor do homem, observa-se que é por meio dele e de suas ações dentro de determinado círculo social, que o homem poderá ser consagrado cristão. Não é estranho que a primeira frase proferida por Clemente em *O Pedagogo* seja: “[...] Há três coisas a serem regradas no homem: os hábitos, as ações e as paixões” (Alexandria, 2014, p. 3).

Não obstante, duas ideias não podem ser desvinculadas desse corpo. A primeira diz respeito à ideia natural de que o homem precisa ser salvo de algo/alguém, ele se encontra em apuros. Por sua vez, a outra reside na máxima da vida extraterrestre, futura e

perfeita. Primordialmente, esses aspectos estão presentes no imaginário dos cristãos alexandrinos, além disso, no século III d.C., as palavras de Clemente são pesadas, especialmente pelo lugar por ele ocupado e para quem destina seus discursos. Decerto, Clemente contribui para cravar no imaginário dos cristãos que o corpo é uma espécie de remédio da alma na incessante busca da salvação e da vida no além-terra. Entretanto, poderíamos indagar sobre como o corpo seria capaz de realizar tal tarefa. A esse respeito o autor nos revela ser necessário “regrar as ações”, “abandonar velhos costumes na qual fora criado”, e “instruir-se, segundo as máximas da fé que conduzem a Deus” (p. 3) Ora, é o corpo que realiza as ações, é o corpo que possui costumes e é ele que deve ser instruído e marcado com novos comportamentos para Deus, em suma, ele conduz o homem. Ademais, ainda é possível destacar que o corpo ainda contribui para descobrir as doenças “[...] Após ter conhecido as paixões da alma através dos pecados cometidos” (Alexandria, 2014, p. 4).

De certa forma, outro aspecto relevante presente na obra de Clemente também faz alusão ao corpo. Essa característica encontra-se no fato de que o homem não é naturalmente bom. Vejamos o que diz o autor a esse respeito:

“Como é a mais bela e a mais nobre criatura, embelezou sua alma infundindo toda sorte de virtudes, prudência, sabedoria e temperança. Estendeu os traços de beleza sobre o seu corpo, dando justa proporção a todos os seus membros e, para aperfeiçoar sua obra, deu ao homem a inclinação para o bem, pois tudo o que se observa de bom e virtuoso nas ações humanas é tão somente o efeito da graça de Deus” (Alexandria, 2014, p. 6).

Em primeiro momento, poderíamos observar que a aura de filósofo presente em Clemente faz ele se preocupar também com questões relacionadas ao belo e aos corpos. No entanto, nota-se que o corpo do homem não pode ser bom, pelo menos não de nascimento. Existem circunstâncias que o fazem ser bom, e neste caso seria somente após o encontro com Deus. De forma audaciosa, esse aspecto nos sugere que, no século III d.C., o corpo não só poderia conduzir o homem, como também determinaria a presença do próprio Deus dentro da carne. Ora, se o corpo ‘não regrado’ se comporta de maneira inadequada, os “efeitos da graça

de Deus” somem, e ele termina por encontrar-se doente. Além disso, é importante ressaltar que para o autor isso vale tanto para homens quanto para as mulheres. É indiferente e “são de igual privilégio” perante o sagrado (Alexandria, 2014, p. 8). Aliás, é possível ainda que se faça presente um motivo político de Clemente, como grande estudioso das escrituras sagradas. Ele havia de reconhecer que desde os tempos de Paulo de Tarso, durante a primeira geração do cristianismo, não era incomum encontrar famílias chefiadas por mulheres que detinham ótima capacidade econômica, e que estariam dispostas a auxiliar as instituições cristãs. A esse respeito o principal exemplo talvez seja Lídia de Tiatira⁸.

Portanto, tanto os homens quanto as mulheres, ou melhor, “o gênero humano” (p. 9) possuía a capacidade de, por intervenção das ações do corpo, viver da melhor maneira possível em comunhão com Deus na civilização antiga. É possível que o principal exemplo a ser mencionado de como o corpo pode ser percebido como condutor do homem, seja observado no momento em que Clemente expõe a respeito dos alimentos para as crianças, que de certa maneira eram consideradas o elo mais fraco da instrução dos cristãos. Então, Clemente de Alexandria nos diz:

“Misturamos também o leite e o mel, sendo esta mistura um alimento agradável para o corpo ao mesmo tempo em que o purga. O Verbo, a palavra adoçada pelo amor dos homens, cura-nos, de uma vez, de nossas paixões e purga-nos de nossos vícios. Estas palavras, “sua voz fluía mais doce que o mel” (Ilíada, I, 249), parecem-me poder ser aplicada ao Verbo, que é o mel. Os profetas, em milhares de passagens, exaltam a doçura do Verbo, acima daquela do favo de mel. Mistura-se ainda, às vezes, o leite ao vinho doce. Esta mistura é bastante salutar para o corpo: ela é a imagem das paixões corrigidas pela união com a pureza. O vinho atrai o soro do leite e todos os corpos estranhos que podem corrompê-lo e alterá-lo. Esta é também a união espiritual da fé com o homem, que é sujeito às paixões; ela sufoca a maldade das suas concupiscências carnis, conduz o homem à eternidade e o faz partilhar da imortalidade de Deus” (Alexandria, 2014, pp. 30-31).

Ao nos depararmos com o trecho exposto acima pelo o autor alexandrino, podemos reparar que alguns elementos são feitos para

agradar o corpo e são próprios para ele. Em outras palavras, desse modo o corpo acaba por ditar uma circunstância própria destinada ele, neste caso específico se refere a aquilo que a ele é bom. Em certo sentido, é provável que isso ocorra pelo fato de que o corpo, quando encontrado em boas condições, regrado e agindo de acordo com determinados preceitos, seja considerado caminho para o sagrado, para sanar problemas e doenças da alma, e ainda para uma vida melhor na terra, e longe dela após a morte. Portanto, no século III d.C. o imaginário do universo cristão, em certo ponto, se mostra extremamente sensível a esse fato, ao ponto de criar combinações e coisas para o próprio corpo. Ademais, Clemente de Alexandria ao expor sobre a instrução pedagógica, ainda menciona a existência de um “modelo de ações santas” (p. 32) aos cristãos, para que os corpos sigam e conduzam os homens a conviver na civilização cristã antiga.

Discussão

Em suma, para o término deste estudo, podemos concluir que a análise da obra de Clemente de Alexandria, quando realizada por meio da história, nos direciona para o caminho das transformações sociais que o Oriente estava passando naquele momento. No século III d.C. e por meio do estudo do *Pedagogo*, podemos compreender que há uma inclinação em associar ao cristianismo uma roupagem “intelectual” e isso é atribuído ao ambiente na qual o autor estava inserido. É admirável também observar os traços da história do corpo que Clemente nos revela, na qual se observa que o corpo existe na história antiga não somente de forma a ser receptor de ações, ele é, sobretudo, atuante na construção do imaginário dos homens e também nas relações sociais entre eles. Enquanto historiadores da educação de um passado distante, ao nos referirmos ao corpo não podemos esquecer-nos das palavras proferidas por Vigarello (2003) “[...] Aprender é muito mais enumerar práticas e encadear ações que lapidar disposições e capacidades corporais” (Vigarello, 2003, p. 24). Aliás, neste trabalho não abordamos as práticas corporais nem os espaços construídos e destinados ao corpo em Alexandria. Aceitamos que essa seria uma alternativa interessante para

enriquecer e fornecer ainda mais subsídios para a construção de uma história do corpo.

Também, outro ensinamento que podemos retirar desta obra, é o fato de ser possível evidenciar os movimentos da história como condição fundamental para compreender a própria história e, por consequência, nosso tempo. Dessa maneira, somente assim ela poderá nos conceder exemplos para ampliar nossa visão a respeito do momento em que estamos inseridos e dos problemas das quais vivenciamos.

Referências

- Alexandria, C. (2014). *O Pedagogo*. Ecclesia.
- Bloch, M. (2001). *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Zahar.
- Boehner, P.; Gilson, E. (1970). *História da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa*. Vozes.
- Burns, E. M. (1974). *História da civilização ocidental: do homem das cavernas até a bomba atômica*. Globo.
- Charumbo, M. A. J. (2021). *O martírio gnóstico segundo Clemente de Alexandria*. Dissertação (Mestrado integrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa.
- Clímaco, J. C. (2007). *Cultura e poder na Alexandria romana*. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- Corbin, A.; Courtine, J.; Vigarello, G. (2008). *História do corpo: da renascença às luzes*. Vozes.
- De Coulanges, F. N. (2006). *A cidade antiga*. Edameris.
- Faria, E. S. (1978). Alexandre, o grande – a difusão da cultura grega pelas armas. En: *História universal: dos clãs aos impérios*. Abril Cultural.
- Ferreira, J. R. (2004). *Grécia antiga: sociedade e política*. Edições 70.
- Funari, P. (2002). *Grécia e Roma*. Contexto.
- Le Goff, J.; Truong, N. (2006). *Uma história do corpo na Idade Média*. Civilização Brasileira.
- Veyne, P. (2009). Introdução. En: *História da vida privada, I: do império ao ano mil*. Companhia das Letras.
- Vigarello, G. (2003). A história e os modelos do corpo. *Pró-posições*, 14(2), 21-29.

Teixeira, Matheus Roberto Breda; Lôde-Nunes, Meire (2023). O corpo como condutor do homem na obra *O Pedagogo de Clemente de Alexandria*. DEDICA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES, N.º 21, 2023, 121-136. ISSN: 2182-018X. DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.21.2023.27613>

Para saber mais do autor/a...

Matheus Robert Breda Teixeira

Graduado em Educação Física pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR-Paranavaí).

Pesquisador do Laboratório de Estudos Corporais (LEC).

Pesquisador em Transformações Sociais e Pensamento Educacional, vinculado à Universidade Estadual de Maringá.

Foi bolsista de Iniciação Científica (Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

Atualmente, realiza mestrado em História da Educação pela Universidade Estadual de Maringá.

Meire Lôde-Nunes

Graduação em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá (1994). Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (2010). Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (2015).

Professora Adjunto da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) no curso de graduação em Educação Física (Campus de Paranavaí), e docente no Programa de Pós-Graduação Sociedade e Desenvolvimento (Campus de Campo Mourão).

Experiência na área de Educação Física (Fundamentos da Educação Física; Dança).

Desenvolve pesquisas em História da Educação com ênfase em iconografia medieval.

Como citar este artigo...

Teixeira, Matheus Roberto Breda; Lôde-Nunes, Meire (2023). O corpo como condutor do homem na obra *O Pedagogo* de Clemente de Alexandria. *DEDICA. REVISTA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES*, 21, 121-136.

DOI: <http://doi.org/10.30827/dreh.21.2023.27613>

¹Ideia apresentada primeiramente por Ruy Afonso da Costa Nunes (1978) em sua obra *História da Educação na Antiguidade Cristã*. Ver o capítulo III – Clemente de Alexandria e a Educação, subtítulo: O Pedagogo. p.75.

²Os cristãos são perseguidos pelo Imperador Lúcio Séptimo Severo (145 – 211) no início do século III e Clemente deixa Alexandria por volta de 202.

³Panteno da Sicília (? – 200) foi o primeiro diretor conhecido da escola catequética de Alexandria, além de preceptor de Clemente de Alexandria. Panteno não deixou registros escritos.

⁴*Marcos Fabius Quintilianus* no século I d.C. compõe sua obra *De Institute Oratoria* dedicada, sobretudo, à formação do homem orador Romano. Quintiliano foi importante orador e professor de retórica no Império Romano.

⁵Sobre as figuras de linguagem destaca-se o uso de metáforas. A esse respeito para observar alguns exemplos, ver no Livro I da obra *O Pedagogo* de Clemente de Alexandria (2014), às páginas: 9, 33, 37 e 50.

⁶Idem: pp. 9, 11, 14, 21-22, 28, 32, 41 e 50.

⁷Para observar menções a respeito: Ver as páginas: 3, 4, 5, 6, 12, 43, 47 e 49.

⁸Lídia de Tiatira é reconhecida como uma das mulheres ricas e “generosas” com a “igreja”, na qual Paulo de Tarso havia aceitado ajuda financeira. Ver: a obra de Ernest Rennan, Paulo o 13º Apóstolo. Tradução de Tomás da Fonseca, São Paulo: Martin Claret, 2003.